

DIALETO LGBT, AS LINGUAGENS, COMO CHAMA, COMO FUNCIONA COMO UM INSTRUMENTO LINGÜÍSTO- CULTURAL

Remilda Porfírio dos Santos¹

José Márcio Martins do Nascimento Júnior²

Orientador do trabalho: Marcos Dias³

RESUMO: Este trabalho aborda o relato de experiência de uma atividade desafiadora proposta na disciplina de projeto integradores do ensino de língua portuguesa (LP) V, do curso em Letras/Português do IFAL/UAB. O objetivo geral da pesquisa é: intencionarmos o desenvolvimento das aulas de língua portuguesa elevarem didática pedagógicas contextualizadas, interdisciplinares e multiculturais no processo de ensino híbrido; por meio de uma discussão que se desloca da esfera da sociedade LGBT nacional e assume um considerável potencial para a educação híbrida. Legislativamente não são erradas as temáticas de união/casamento de pessoas do mesmo sexo, adoção por casais homoafetivos, processo de fertilização, novas configurações de família, o direito previdenciário e sucessório e as retificações de registro pelo reconhecimento de transexualidade. Estas discussões atuais são submetidas a prestação jurisdicional e a doutrina, e geram jurisprudência. A pesquisa traz, como instrumento-chave utilizada na metodologia, uma roda de conversa online pelo WhatsApp, além de pesquisa bibliográfica e de campo. Ao realizarmos a roda de conversa, conseguimos respostas interessantes. Foi constatado um fosso entre outras normativas, que permitem a inclusão da temática da diversidade sexual e de gênero no currículo, e suas efetivas práticas. Compartilharemos os resultados abordando-os em gráficos, ampliando a compreensão desses. Conclui-se, então, que é identificável cada vez mais aguçada dentro de escolas a predominância do cenário heterocisnormativo, e de suma importância as mudanças necessárias nesse ambiente, para a diversificação.

Palavras-chave: Linguagem LGBT, Diversidade e gênero, Ensino, Orientação e formação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda relato de experiência de uma atividade desafiadora proposta na disciplina de projeto integradores do ensino de língua portuguesa (LP) V, do curso em letras/português do IFAL/UAB. Visando o desenvolvimento de práticas pedagógicas contextualizadas, interdisciplinares e multiculturais de um plano de aula remota emergencial utilizando as tecnologias como ferramenta a ser realizada em turmas de EJA do ensino médio da escola da esfera estadual da cidade.

¹Graduanda do Curso de Letras do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, remildaalegresempre@hotmail.com;

²Graduando pelo Curso de Letras do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, martins.nascimento20@gmail.com;

³Mestre em Linguística, Instituto Federal de Alagoas - IFAL, marcos.dias08@yahoo.com.br.

O objetivo geral da pesquisa é intencionarmos o desenvolvimento das aulas de língua portuguesa elevarem didática pedagógicas contextualizadas, interdisciplinares e multiculturais no processo de ensino híbrido, por meio de uma discussão que se desloca da esfera da sociedade LGBT nacional, e assume um considerável potencial para a educação híbrida.

A partir de discussões e reflexão sobre a linguagem LGBT, como questão de sexualidade e gênero é abordada em contexto social, mas o livro didático ainda temos dificuldade para identificar, em especial nos livros destinados ao ensino de LP. Em 2020 o Enem trouxe à tona o dialeto LGBT em suas questões de LP.

Quanto a natureza do trabalho de cunho qualitativo é reconhecer e identificar a aquisição do conhecimento, bem como como equipamento tecnológico como recurso do multiletramento e multicultural na didática pedagógica, auxiliando assim o desenvolvimento do(a) professor(a) no que diz a respeito as variantes situações de comunicação, quer seja social ou apenas escolar.

Diante das cogitações hodiernas, as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) vêm aguçando seu espaço, tanto na mídia nacional, bem como em vários segmentos e setores da sociedade. Contemporaneamente são publicados recortes que tratam, direta ou indiretamente, de orientações sexuais e identidades de gênero nas diversas esfera de mídias.

De acordo com as leis não é errado, tanto que as temáticas como união/casamento em ter pessoas do mesmo sexo, adoção por casais homoafetivos, processo de fertilização, as novas possibilidades de ser família, o direito previdenciário e sucessório e as refiticações de registro pelo reconhecimento de transexualidade são discussões atuais submetidos a prestação jurisdicional, a doutrina e, conseqüentemente gerando desse modo precedemos e jurisprudência.

Corroborando com estudos nas mudanças de padrões culturais da sociedade hodierna requer bastante respeito de todas as esferas globais em comunicação de crianças, adolescentes, adultos, idosos, mulheres, homens, negros, índios, pessoa portadora de deficiências e LGBTs. O projeto de lei da câmara (PLC)122/2006: Projeto da lei que criminaliza a homofobia em todo o território nacional. O PLC 122/2006 é, atualmente, a principal bandeira do movimento LGBT brasileiro. Já no projeto de lei (PL) 5003/2001, de numeração do PL122/2006, quando tramitava na Câmara dos Deputados.

O QUE SIGNIFICA LGBT

Nos anos de 1990, GLS, era conhecida como sigla que defendia os ambientes, os serviços e os eventos para a comunidade gay. Com o passar dos anos, esse termo foi excludente e ignorava as variadas orientações sexuais, bem como a identidade de gênero. Então, a Associação Brasileira LGBT (ABGLT) atualizou a nomenclatura para LGBT, para representar lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais. Atualmente novas letras, como Q e I, surgiram, e nós usamos LGBTQ+ para representar todos. A ONU, exemplificando, utiliza a sigla LGBTI, no qual “o mundo é mais bonito quando entendermos e respeitamos a individualidade do ser humano”.

Para que possamos entender todas essas siglas, não precisa saber ler este texto todo. No entanto, antes mesmo de embarcar nas cores que representam essa comunidade se faz necessário compreender os conceitos: identidade de gênero, sexualidade, orientação sexual e expressão de gênero.

O arco-íris tem um significado ímpar para os LGBTQ, também conhecida como bandeira do orgulho gay, ou seja, é um símbolo da comunidade gay e do movimento LGBTQ criada em 1990 pelo ativista gay Gilbert Baque (1951-2017). Segundo informação, essa bandeira foi um pedido político homossexual Harvey Milk (1930-1978) para representar a comunidade e, assim, acabou sendo um dos principais símbolos do movimento LGBTQ. Desde que foi para as ruas, em 1978, a bandeira colorida tornou-se um símbolo universalmente conhecido.

ARCO-ÍRIS



Bandeira do orgulho gay.
Abraça toda comunidade LGBTQ+

Fonte: imagem retirada da internet

A SIMBOLOGIA DO ARCO-IRIS

Como fenômeno da natureza que sempre fascinou o homem por suas mitologias ancestrais. Para o folclore Irlandês, um leprechaun pode ser um pote de ouro no final do arco-íris. E de acordo com a Bíblia, depois de um dilúvio, Noé viu um arco-íris.

Corroborando com o estudo, o arco-íris pode ser apenas o próprio arco-íris, independentemente do número de cores, como a bandeira do estado de Pernambuco. Já para heráldica, o arco-íris costuma ser tratado como aquele que agrega em vez de separar.



Fonte: imagem retirada da internet

“Segundo o prof. Guimarães (2018), a ideia de paz não é a religiosa, mas a política”. Fortalecendo, ele afirma que “o simbolismo também pode ter origem em uma cultura material rica em pigmento, como a bandeira Wphala e a bandeira da cidade de Cuzco, ambas inspiradas na artesanato de povos originários indígenas”

COMO FUNCIONA?

A comunidade LGBT ou comunidade LGBTQIA+ é uma sigla que engloba e busca representar a reunião dos grupos de indivíduos fora das “normas binárias de gênero e sexo”, que são historicamente marginalizados e excluídos da representatividade social. No entanto, os grupos abrangidos pela sigla são: gays, lésbicas, bissexuais e transgênero. Além das versões mais extensas da sigla que abrange outras sexualidades e identidades de gênero, como por exemplo: queer, os assexuais, os intersexo; bem como, outras subculturas reunidas por culturas comuns e por movimentos sociais.

Ainda nesse contexto, a comunidade prega a liberdade do direito constitucional de serem assistido pelo governo e socialmente respeitados. Reúnem-se em organizações LGBT+, onde vivenciam suas culturas através de gírias, vestimentas e costumes, com o objetivo de implementar suas subculturas nos espaços e ambientes urbanos; sempre unidos por uma cultura comum em movimentos de direitos civis. Essa comunidade festeja e celebra especialmente o orgulho, a diversidade, a individualidade e a sexualidade.

Na verdade, cogita que ativistas LGBT+ e sociólogo [quem] enxergam as construções na comunidade como um antídoto para os “papeis sociais de gênero, homo, trans e biofobia, heterossexismo, sexo-negatividade e as pessoas conformistas existentes na sociedade em geral”.



Fonte: imagem retirada da internet

COMO SE CHAMA ESSA LINGUAGEM/OU GÍRIAS LGBT?

Em algumas fontes de estudo cogita-se que o linguajar hoje usado pelo mundo gay tem origem nas ruas de Salvador. Toda tribo urbana desenvolve sua própria cultura e entre elas as características estão nas gírias e dialetos que identificam coletivamente aquele grupo. A primeira visão inicial era que a linguagem conhecida como pajubá dessa maior

liberdade para as “bees” se comunicarem em espaços públicos sem que os outros entendessem.

PAJUBÁ é como é conhecida a linguagem de comunicação do grupo LGBT. Pajubá é um dialeto da linguagem popular constituída da inserção em línguas portuguesa de numerosa palavras e expressões provenientes de línguas africanas ocidentais, bastante utilizada pelo povo conhecido como pai de santo, praticantes de religiões afro-brasileiras - como candomblé - e hoje usada pela comunidade LGBT.

O surgimento do significado de acuenda (o pajubá “ACUENDAR” é um termo presente no dialeto gay e a depender do contexto significa “conhecer”).

Exemplos de pajubás usados na comunidade LGBT da zona da mata alagoana.

<i>Xanã</i> – cigarro	<i>Mati</i> – pequeno	<i>Equê</i> – mentira, truque
<i>É tudo</i> – interessante	<i>Xuxu</i> – barba malfeita	<i>Boneca</i> – travesti
<i>Amapoã</i> – mulher	<i>Gongar</i> – falar mal	<i>Ajeum</i> – comida
<i>Coió</i> – surra	<i>Bofe</i> – homem	<i>Bajé</i> – sangue
<i>Alibã</i> – polícia	<i>Otim</i> – bebidas	<i>Bafão</i> – novidade, fofoca

MAS O QUE A LINGUISTICA APLICADA TEM A VER COM A LINGUAGEM LGBT?

Ancorando-a como sistema, em sintaxe, que a língua seria uma percepção de que cada unidade da língua (desde um único som a uma palavra complexa ou um vasto texto). Para (Kumaravadivelu, 2009, p. 4) “ tem seu próprio caráter e cada uma é delimitada por e dependente de suas unidades concorrente”. No entanto essa teoria tem embasamento na teoria de Chomsky (1959-1965, entre outros), Kumaravadivelu (2009, p.6) reitera que, no geral, a perspectiva chomskyana é sobre uma pessoa artificialmente construída e idealizada, não “um usuário real da língua”.

Fortalecendo a discussão aparece em contraste com a teoria de Chomsky, (Halliday 1973) define língua como uma série de opções de significado que estão disponíveis para falantes e ouvintes em contextos sociais.

Paiva (2007, p. 303), ressalta que “[...]o conceito de língua predominantemente no contexto escolar ainda é, na maioria de nossas escolas, o de estrutura linguística, congelada em sua dimensão sintática e sem inserção em contextos significativos. Refletindo com o autor, percebemos que a uma necessidade de uma inovação dessa

perspectiva no contexto educativo, em especial, na sala de aula. Para tal inovação nas prospecções de língua como discurso e/ou ideologia, aproximando da prática de desenvolvimento de uma teoria/conceito mais crítica para as/os alunas/os para aula de língua portuguesa (LP), faz-se necessário que tomemos como foco referencial a terceira concepção mencionada anteriormente. Na conjuntura de contestação da ideologia dominante,

o fato é que as relações entre o subsistema da educação e o sistema global da sociedade não são mecânicas. São relações históricas. São dialéticas e contraditórias. Isto significa que, do ponto de vista da classe dirigente, das pessoas que estão no poder, a tarefa principal da educação sistemática é reproduzir a ideologia dominante. Dialeticamente, há, no entanto, outra tarefa a ser cumprida, qual seja a de denunciar e de atuar contra a tarefa de reproduzir a ideologia dominante. De quem é essa segunda tarefa de denunciar a ideologia dominante e sua reprodução? Do professor, cujo sonho político é a favor da libertação. Esta segunda tarefa não pode ser proposta pela classe dominante. Dever ser cumprida por aqueles que sonham com a reinvenção da sociedade, a recriação ou reconstrução da sociedade. (Shor e Freire, 1987, p. 29).

Refletindo a concepção dos autores, percebemos a ideia de que não é necessário que o/a professor/a seja LGBTQ+ para abordar temas de sexualidade e gênero em sua aula, mas é primordial que este/a tenha uma visão de mudança da sociedade hodierna, de quebra desses preconceitos e discriminação que prejudicam diversos sujeitos todo o tempo.

Segundo Norton (2000, p. 130)

Língua não somente uma forma neutra de comunicação, mas uma prática que é socialmente construída em eventos, atividades e processos hegemônicos que constituem a vida diária – as práticas que são consideradas normais pela sociedade dominante.

LETRAMENTO TRANSVIADO? PRÁTICAS

Para Griffin e Forwood (1991, p. 12), salientam para o letramento funcional a habilidade de “ler, escrever, falar e ouvir bem suficiente para realizar tarefas de letramento diárias na nossa sociedade para diferentes contextos, como o ambiente de trabalho ou a sala de aula”. Compreendendo o pensamento do autor, então se houver a preposição de um letramento transviado? haveria um letramento não transviado? E um sujeito pode fazer a movimentação da posição de não-transviado para transviado?

Em dias hodiernos, a prática de letramento, a maioria são heteronormativas, transfóbicas e sexistas ou em outras palavras apenas silenciadoras nessas questões (o silêncio que na verdade representa uma decisão de se pôr a favor do lado mais forte). Há também a possibilidade de transviadar os letramentos já existente e de se ter a visão no

letramento transviado ou, fazer apenas umas negociações, desaprender e reaprender questões de gênero e sexualidade.

Numa sociedade hipermoderna é possível que, através da necessidade surjam novos letramentos, novos paradigmas variados, como afirma Baumann (2001, p. 204)

A volatilidade das identidades, por assim dizer, encara os habitantes da modernidade líquida. E assim também faz a escolha que se segue logicamente: aprender a difícil arte de viver com a diferença ou produzir condições tais que façam desnecessário esse aprendizado.

METODOLOGIA

Compreendemos como instrumento-chave da metodologia utilizada na pesquisa, uma roda de conversa online pelo WhatsApp. A investigação contou com outros procedimentos metodológicos, como: pesquisa bibliográfica e de campo. A partir disso, foi constatado um fosso entre outras normativas, que permitem a inclusão da temática da diversidade sexual e de gênero no currículo, e suas efetivas práticas. A intenção é deixar as pessoas desenvolverem suas ideias sobre o dialeto LGBT e experiências frente a sexualidade. Diante desta temática, a qual para alguns é nova, inferimos da situação que o melhor a se fazer era abordar como pesquisa.

O roteiro de oito perguntas aborda as ideias que os entrevistados têm sobre a orientação sexual e a linguagem que a segue, dependendo do indivíduo. A escolha pelo questionário online foi baseada nas vantagens, tais como a facilidade para montá-lo; o tempo de retorno das repostas dos entrevistados em tempo real; a ausência de restrições espaciais, permitindo uma grande disseminação do questionário e o índice de resposta, pois quando há um questionário aberto, as perguntas tendem a ser mais detalhadas. (Flick, 2013, p. 168).

O presente roteiro de perguntas foi elaborado com o intuito de entender o dialeto/gírias de comunicação da comunidade LGBT usada na zona da mata alagoana. Suas experiências diante da orientação sexual e o papel da escola nesse processo. Com a finalidade de apresentar aos professores a discussão de aula de LP, promovendo assim uma visão focada na nova linguagem que ganha espaço no meio de comunicação. Convidamos 30 LGBT pessoas para participar de uma roda de conversa online no grupo de WhatsApp composto das seguintes perguntas:

- 1- Você conhece essa sigla LGBT? E você se considera um membro da comunidade?

- 2- Como foi a sua aceitação como LGBT? E na escola teve algum tipo de preconceito ou discriminação, por parte dos colegas?
- 3- Quais orientações a respeito do conhecimento de sexualidade e gênero você teve em sala de aula?
- 4- Você já leu sobre o tema ou identificou artigos, textos, livros, teses, documentário ou participou de palestras sobre sexualidade, e gênero?
- 5- Você acredita que a escola tem um papel indispensável em abordar essa temática? Por quê?
- 6- Quais a vantagem da abordagem sobre orientação sexual na escola? Facilita o reconhecimento sim ou não? Justifique?
- 7- Você se sente seguro com as leis voltadas para a comunidade LGBT no Brasil?
- 8- Qual a perspectiva de professores de LP a respeito da abordagem de dialeto LGBT na sala de aula e nos livros didáticos?

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação ou caracterização dos sujeitos é uma tarefa que requer cuidados, posto não existir uma única definição absoluta sobre cada um, para que não ocorra um enquadramento excludente e opressor, na verdade em que as questões de gênero e sexualidade devem está dissociadas de padrões normativos e impositivos, de forma que não gerem mais preconceitos e discriminações.

Nesse contexto os psicólogos Peres e Toledo (2015), explicam que:

A emergência da visibilidade das expressões que se diferenciam entre si marca especificidades que solicitam cuidados quando de suas conceituações, pois, nenhuma expressão identitária pode ser tomada como absoluto e/ou verdadeira, e nem de referencia para comparações binárias e reducionistaistas, de modo a evidenciar a necessidade de pontuações sempre orientadas pelo contexto sócio-histórico e político nos quais as mesmas são produzidas. De modo bastante efêmero temos proposito como ponto de partida conceitual para as expressões travestis, transexuais e transgeneros, definições que se apresentam sempre em construção permanente e que deverão ser aprovadas e reconhecidas pelas pessoas que experimentam situar-se nestas conformidade. Neste sentido, o tempo todo temos nos reportado a um diálogo com o movimento nacional das travestis, transexuais e transgenero de modo a defini-las de acordo com as suas recomendações.

E ainda Facchini (2015) traz que:

[...]vem fortalecendo a ideia de que chegamos a um limite: não basta acrescentar letras as siglas ou trocar a ordem das letras - transformar o nome do movimento não dirime magicamente as assimétricas de gênero e não alça lésbicas, travestis, transexuais ou bissexuais a condição de “iguais”. Afinal, dentro do universo das letrinhas residem disputas internas de poder e hierarquização que, muitas

vezes, destoam dos objetivos de promoção da igualdade dentro e fora do movimento.

Fortalecendo a discussão Maria Berenice Dias (2000) aduz que :

As questões que dizem com a sexualidade sempre são cercadas de mitos e tabus, e os chamados desvios sexuais, tidos como uma afronta a moral e aos bons costumes, são alvos da mais profunda rejeição social. Tal conservadorismo acaba por inibir o próprio legislador de normalizar situações que fogem dos padrões aceitos pela sociedade. No entanto, fechar os olhos a realidade não vai fazê-la desaparecer, e a omissão legal acaba tão-só fomentando a discriminação e o preconceito. Estar à margem da lei não significa ser desprovido de direito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

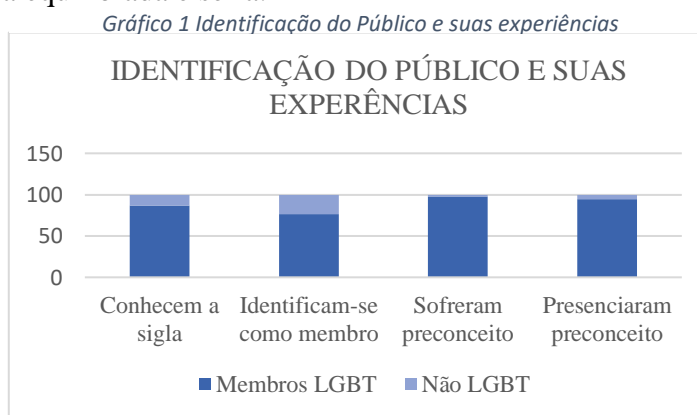
Ao realizarmos a roda de conversa, que contém perguntas abertas e fechadas, conseguimos repostas interessantes. Compartilharemos os resultados abordando os resultados em gráficos para uma maior compreensão. Começando com a pergunta: “Você sabe o que é orientação;? Você é Aluno (a); Estudante de Licenciatura; Professor (a)?

Para esse recebemos 30 respostas, das quais selecionamos igualmente 10 para cada tipo de perfil. Dessa forma, é importante o esclarecimento de que tais respostas foram selecionadas de aleatoriamente e com imparcialidade, para que seguíssemos os princípios éticos de uma pesquisa equilibrada e séria.

Nas duas primeiras perguntas, procuramos identificar o público LGBT e quais as suas experiências sociais diante de sua sexualidade assumida. Para isso, conseguimos chegar aos seguintes resultados: o público

da pesquisa mostrou-se predominante LGBT, que passaram ou já presenciaram episódios de preconceito e exclusão social. Veja abaixo.

Nas perguntas seguintes, terceira e quarta, intentamos entender o quanto de instrução sobre sexualidade os participantes tiveram. Para que pudéssemos entender melhor, apontamos para a instrução na escola, pesquisas pessoais ou outros métodos que



os ajudaram a entender sobre sexualidade. Dos dados, depreendemos que nas escolas o ensino sobre sexualidade é precário, isso faz com que muitos tenham que pesquisa, ou só entender quando estudam mais afundo no ensino superior. Ou até mesmo, como a maioria, sabem pouco sobre sexualidade.

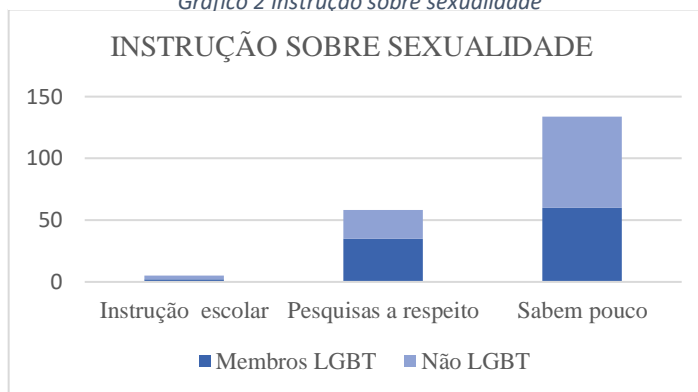
Nas perguntas cinco e seis, abordamos o papel da instituição escolar nesse tipo de educação. As devoluções dos entrevistados nos ajudam a ver que a escola deve estar pronta para conversar sobre sexualidade, pois “*é o lugar para se aprender em vários*

âmbitos. Evita gravidez precoce, evita preconceitos, procura combater drogas, ter conhecimento do que seja estupro etc.” (Entrevista 19). Dessa forma, os entrevistados apresentaram também a participação da família nesse processo, reconhecendo o trabalho conjunto dessas instituições.

Para mais, a pergunta sete remete as leis que apoiam a comunidade LGBT. De acordo com uma parte daqueles entrevistados, as lei são um grande suporte para que os direitos dos LGBT sejam reconhecidos. Apesar de

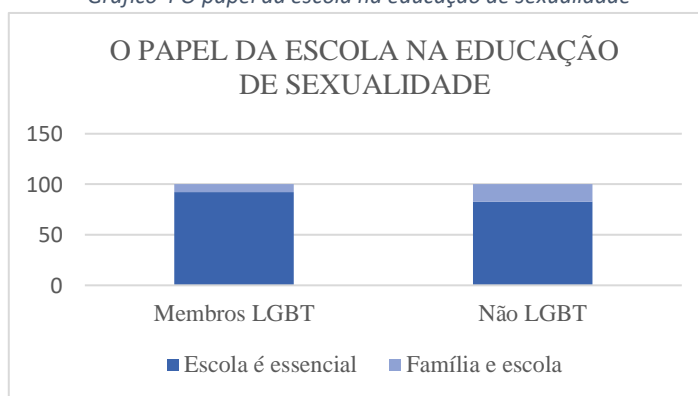
diminuírem, não quer dizer que os ataques pararam completamente. Já os que não fazem

Gráfico 2 Instrução sobre sexualidade



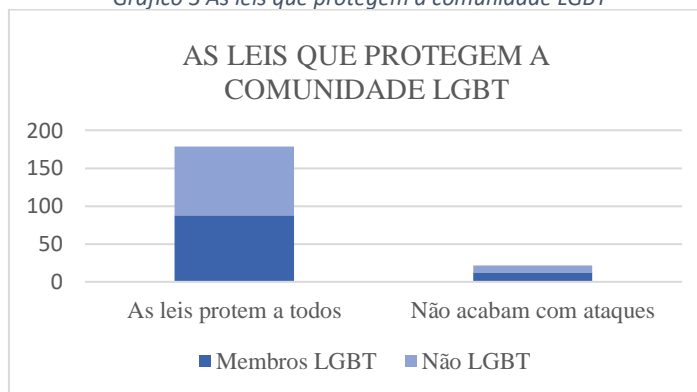
Fonte: pesquisa realizada pelos autores

Gráfico 4 O papel da escola na educação de sexualidade



Fonte: pesquisa realizada pelos autores

Gráfico 3 As leis que protegem a comunidade LGBT



Fonte: pesquisa realizada pelos autores

parte, complementam dizendo que isso significa muito para a comunidade, uma vez que promove a igualdade.

Já para a última pergunta, oito, procuramos entender a posição dos professores sobre a abordagem da sexualidade na escola e/ou o que os estudantes pensam sobre isso também. Alguns expressam que sentem

desconforto em falar sobre sexualidade e por conseguinte, abordar a fala, mesmo que seja mais fácil de trabalhá-la. Ao contrário, a maioria considera necessário essa abordagem.

Os resultados e discussões nos revela que o uso do dialeto LGBT remete cada vez, a um continuum do privado para o público. Em outras palavras: os vocabulários saem do espaço e ambiente privado LGBT e perpassam as esferas sociais através das novelas, documentários, séries, músicas, programas de humor, rede sociais (fabebook, twitter, etc.)

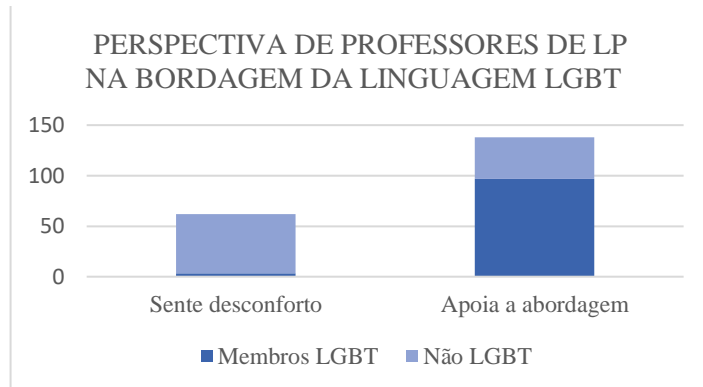
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reforçamos aqui, a suma necessidade de apoio do governo a ciência brasileira e urge identificar a sociedadehodierna que a uma gama de possibilidade é , de fato, a fonte de saberes e muitos pesquisadoras/e que constroem a ciência brasileira.

A pesquisa-ação exemplificou e identifica cada vez mais aguçada e de suma importância dentro das escolas as mudanças do cenário escolar heterocisnormativo. A formação de professores, direção e coordenação escolar e inclusive de secretarias e secretarios de educação. Atuando diretamente com quem tem mais contato com alunos, cumprimos um pouco a expressão de Freire, vogo, assim, agindo e movimentando a esperança nas ações de sala de aula endossada por todo o aporte bibliografico, documental e além de relato de experiência e estudo de caso.

A partir dessa discussão, o “não” não é fácil como resposta, ou simplesmente dizer não ou aceitar. As notas finais da pesquisa de análise de falta de consonância entre o proposto e a prática e uma perspeção da necessidade de inovar a didática no processo de ensino. Representa toda uma desarmonia que implica em sérias de consequências de

Gráfico 5 Perspectiva de professores de LP na abordagem da linguagem LGBT



Fonte: pesquisa realizada pelos autores

pessoas LGBTTI+ e para mulheres heterossexuais cisgenero. Urge, então, estudos e ações para o alinhamento dessa perspectiva de liberdade e respeito.

Outro ponto que ressalto na pesquisa é, que para termos o sucesso do trabalho, decidimos organizar uma roda de conversas online, e para preservar as/os participantes, não pedimos qualquer identificação.

E por fim, saliento o último eixo da pesquisa, o tempo para a realização e as respostas simples me dixeram com curiosidade sobre algumas perguntas, no qual poderia ser um problema se fosse uma entrevista direta, pois tomariam um pouco mais de tempo com o grupo. Entretanto, se assim tivesse sido feito com menos pessoas, consequentemente, com o numero menor de resposta expressivas, algum fatos apresentados ou exposto pelos participantes não poderiam ter aparecido nas respostas.

REFERÊNCIAS

- Disponível em: Comunidade LGBT- Wikipédia, a enciclopédia livre
pt.m..wikipedia.org/wiki/comunidade_LGBT
- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro. RJ: Jorge zahar. 2001
- CHOMSKY, N. Review of B. F. Skinner, Verbal Behaviour. In: Language, número 35, 1959.
- DIAS, Maria Berenice. Transexualismo e o direito de casar. COAD/ADV, Rio de Janeiro: Seleções Jurídicas, 06/2000, p.34.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isabela Lins. De cores e matrizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro, 2015.
- FLICK, U. Introdução a pesquisa qualitativa. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.
- FREIRE, P pedagogia da esperança: um reencontro coma pedagogia do oprimido. São Paulo: SP: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005
- GRIFFIN, P: FORWOOD, A. Adult Literacy and Numeracy Competency Scales. Phillip Inst. Of. Techonology: Coburg. Australia, 1991.
- HALLIDAY, M. Explorations in the Functions of Lnaguage. London: Amold, 1973.
- HUMARAVADIVELU, B. Undertanding language teaching: from method to postmethod. NewYork: Routledge, 2009.
- NORTON, B. Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change. Harlow: Longman, 2000.
- PAIVA, V. Linguagem, gênero e aprendizagem de língua inglesa. In: ALVAREZ, M. SILVA, K. Linguística Aplicada: múltiplos olhares. Campinas, SP: Pontes Editora. 2007.
- PERES, Willian Siqueira; TOLEDO, Lívia Gonsalves. Travestis, transexuais e transgênicos: novas imagens e expressões da subjetividade. 2015
- SHOR, I e FREIRE, P. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.